

Sabemos ser interdisciplinares?

Rita de Cássia Dantas da Silva
Licencianda do curso de Química da UFRN.

Orientadora de Estágio:
Profa. Dra. Josivânia Marisa Dantas (UFRN/DPEC)

13

O local escolhido para a realização do estágio foi o Parque da Ciência, um espaço arborizado de quase 7.000 m², situado no Parque Educacional Professor Raimundo Teixeira da Rocha (também conhecido como Parque do Museu).

O que nos levou a optar por um espaço não formal de ensino foi, a princípio, o fato da instituição escolhida inicialmente não se enquadrar na proposta do Estágio II (voltado exclusivamente para o Ensino Fundamental II) e em segundo lugar o caráter desafiador do Parque. Nós sabíamos que em uma instituição de educação formal teríamos dificuldades por ter que pensar em projetos cujo foco seria a ciência, o que implica integrar os conteúdos de química, física e biologia de forma interdisciplinar. Por outro lado, em um espaço de educação não formal, além do desafio de trabalhar a interdisciplinaridade, era necessário elaborar propostas que abrangessem os mais diversos públicos, tendo em vista que, diferente da escola tradicional onde o conteúdo pode ser direcionado para uma turma específica, no Parque das Ciências aplicaríamos a intervenção para a turma que estivesse visitando.

Nas primeiras semanas encontramos dificuldades relacionadas ao conteúdo, primeiro

**Aos poucos
abrimos nossa
mente e
consequimos
estruturar uma
proposta para
nossa intervenção**

por nos encontrar em um espaço que permitia trabalhar uma série de assuntos, segundo porque ainda estávamos presos em temas voltados para a química.

Sem querer sair da nossa zona de conforto, tivemos a ideia de trabalhar conceitos relativos à chuva ácida, com foco nos processos químicos envolvidos nesse fenômeno e suas consequências para a natureza. Quando apresentado o tema, a professora orientadora Josivânia logo fez ressalvas, uma delas com relação a complexidade do conteúdo.

Levando em consideração o que havia sido ressaltado, buscamos pensar em algo mais simples. Aos poucos abrimos nossa mente e conseguimos estruturar uma proposta para nossa intervenção. Com o intuito de desenvolver um projeto em que o aluno tivesse um papel mais ativo, promovemos uma atividade intitulada teia da ciência, cuja função do estudante era recolher cartões informativos e assimilar o máximo de informação possível, com a finalidade de socializar o conhecimento adquirido ao término da prática.

Na atividade explanamos conteúdos ligados a sustentabilidade com ênfase na botânica, nos tipos de extinção, na reutilização de materiais e na interferência do homem no meio ambiente.

No dia 23 de outubro recebemos o Colégio Potencial (instituição de iniciativa privada). Desenvolvemos a atividade com vinte alunos do Ensino Fundamental II distribuídos em turmas de 6º, 7º e 8º ano. Durante a intervenção dividimos os alunos em quatro grupos de cinco pessoas para que nós, estagiários, conseguíssemos orientá-los melhor no decorrer da atividade. Eu, por exemplo, fiquei responsável por cinco alunos



(Foto: Reprodução/Facebook)

do sexto ano.

Ao comparar nossa abordagem inicial e o resultado final do projeto de intervenção entendemos a importância do planejamento na vida docente. Associada à orientação, a etapa de planejamento se fez essencial, pois foi justamente nela que conseguimos ver com clareza os objetivos e o percurso que seguiríamos para conseguir alcançá-los.

Durante nosso planejamento o que mais me preocupava era se o conhecimento adquirido durante a atividade seria assimilado de forma separada, isto é, se os alunos conseguiriam associar os diversos temas encontrados nos cartões ou se os fracionariam por parecerem distantes. Aplicando a intervenção notamos que os estudantes não faziam ligação entre os pontos e para contornar a situação começamos a fazer perguntas e observações que os ajudassem a ver os assuntos trabalhados de um modo

menos fragmentado.

As experiências no estágio me auxiliaram a ver o quão relevante é o diálogo entre as disciplinas. Talvez ainda não saibamos, de fato, como ser interdisciplinares, mas é válido sair da zona de conforto e buscar a comunicação entre as diferentes áreas.

“ Talvez ainda não saibamos, de fato, como ser interdisciplinares ”